

PETRÓLEO

POR DENTRO DO

PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS DA PETROBRÁS ANO 1 Nº 4 MAR. 1993

Combustíveis podem cair de preço

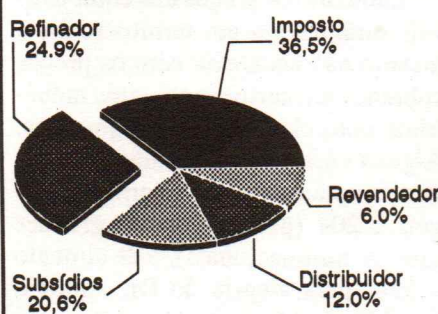
Muita gente se pergunta: os preços dos combustíveis no Brasil não poderiam ser mais baixos? Por que nos Estados Unidos a gasolina é mais barata do que no Brasil e o refinador ainda consegue lucros que lhe permitem viabilizar novos empreendimentos? Como explicar essa "mágica"? A resposta é muito simples. A "mágica" se chama estrutura de preços, que nos Estados Unidos remunera os vários segmentos da atividade petrolífera de forma muito diferente da adotada no Brasil. Lá o refinador fica com uma parte do bolo muito maior do que aqui (ver fig. ao lado), em função dos riscos que corre e do trabalho que realiza (investe, explora, produz, importa, transporta e refina). Aqui todo este trabalho, efetuado pela Petrobrás, não é adequadamente remunerado.

Os números valem mais do que mil palavras. Nos Estados Unidos o refinador recebe 70% do valor da venda da gasolina. No Brasil a participação da Petrobrás é três vezes menor, não passando atualmente de 24,9%. Isso significa que o refinador norte-americano consegue 24 centavos de dólar por litro. Já a Petrobrás tem que se conformar com pouco mais de 11 centavos – ou seja, menos da metade (valores calculados em 16.03.93, que variam diariamente em função do dólar).

A situação é radicalmente distinta quanto entramos no campo da distribuição. O Brasil é um paraíso para os distribuidores, que ficam com 12% do preço da gasolina (sem que precisem realizar investimentos de peso ou correr riscos). Nos Estados Unidos a parcela do distribuidor, considerada adequada, é de 3,1% – quatro vezes menor do que no Brasil.

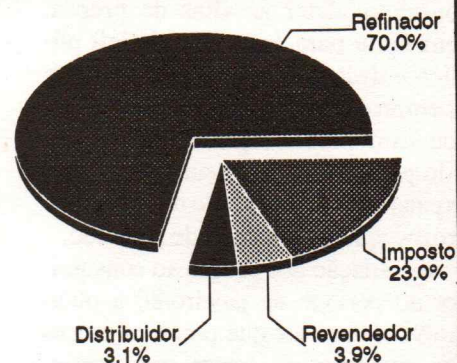
Moral da história: se a estrutura de preços no Brasil fosse menos distorcida, seria possível baixar os combustíveis pagos pelo consumidor sem descapitalizar a Petrobrás. Eis aí um desafio que o governo Itamar deveria enfrentar, em nome do interesse nacional.

GASOLINA – Estrutura de Preços



Brasil

Litro de gasolina 16/03/93: US\$ 0,45
Parcela da Petrobrás: 26% = US\$ 0,11
Estrutura de preços de 05/02/93



Estados Unidos

Litro de gasolina: US\$ 0,33
Parcela do refinador: 70% = US\$ 0,24

Exxon e Shell seguem caminho da Petrobrás

Quando a Petrobrás começou a buscar petróleo em águas profundas, no início dos anos 80, os inimigos do monopólio estatal torceram o nariz. Diziam eles que a empresa não tinha tecnologia para achar petróleo no fundo do mar e que tal tipo de exploração era antieconômica.

Os prognósticos revelaram-se inteiramente equivocados, pois boa parte da produção nacional provem dessas áreas e as empresas multinacionais vêm seguindo o caminho trilhado pela empresa brasileira.

A Exxon e a Shell, estão desenvolvendo sérios esforços para achar óleo nas águas profundas do Golfo do México. Assim, o tempo comprovou que a Petrobrás estava certa. Investir em águas profundas é caro e arriscado, mas trata-se de um excelente negócio – além de ser o único caminho viável (já que as reservas brasileiras se encontram nestas áreas).

Um detalhe importante: o petróleo produzido nestas áreas é mais barato que a média nacional e tem um custo bem inferior ao preço pago pelo produto importado.

Estatais avançam no domínio do petróleo

Nossos neoliberais ao atacarem a Petrobrás e o monopólio estatal do petróleo alegam que são os porta-vozes da modernidade. Eles procuram vender a ilusão de que a privatização da exploração de petróleo é uma tendência mundial, à qual o Brasil teria que se amoldar para não perder o bonde da história. A tese não resiste, porém, ao choque da realidade.

Eis uma prova: as companhias nacionais dos países produtores de petróleo aumentaram rapidamente sua participação no direito de propriedade sobre o petróleo bruto. Sua fatia do bolo que representava apenas 6% em 1970 chegou a 52% em 1987. Enquanto isso, no mesmo período, a fatia das majors declinou de 61% para 19% e a das demais companhias internacionais de 33% para 29%.

Os dados constam do trabalho "A economia mundial de energia" de Jean Marie Martin.

Petrobrás sofre com a falta de visão oficial

Nos últimos doze anos os governos que ocuparam o Palácio do Planalto não resistiram à tentativa de reajustar os preços e tarifas públicas em níveis irreais para tentar controlar a inflação. Os resultados são conhecidos de todos: a estratégia não conseguiu deter as altas de preços, contribuiu para agravar o déficit público e descapitalizou violentamente as empresas estatais. A Petrobrás pagou caro pela miopia oficial, tendo sido prejudicada em seus projetos de expansão da capacidade de refino, de prospecção e produção de petróleo.

A variação dos preços ao consumidor no período de janeiro/80 a outubro/92 mostra até que ponto os preços dos combustíveis foram desvalorizados em termos reais – ou seja, quando comparados com a inflação medida pelo Índice Geral de Preços (IGP) da Fundação Getúlio Vargas. Tomando-se o IGP como base de referência – índice 100 para o período – verifica-se que a gasolina não passa de 49, o diesel de 63, o GLP fica em 65 e os combustíveis lubrificantes limitam-se a 68. Por falar nisso, o salário mínimo ficou em 50 –

que comprova a extensão do arrocho sobre os ganhos dos que estão na base da pirâmide salarial. Para a Petrobrás a situação é dramática. Pelas alterações na estrutura de preços a empresa recebe hoje, em termos percentuais, apenas 60% do que obtinha em 86.

Enquanto os preços dos combustíveis minguavam em termos reais, o mesmo não acontecia com os preços cobrados em certos segmentos industriais controlados pelos oligopólios. Alguns exemplos são muito ilustrativos. O índice de tintas e vernizes chegou a 204 (predomínio de grandes grupos multinacionais), o de cimento a 174 (para alegria do Dr. Antônio Ermírio de Moraes), de produtos de higiene e limpeza a 178 (engordando os lucros da Johnson & Johnson).

Assim, enquanto os oligopólios privados acumularam lucros que destinaram, em geral, à especulação financeira ou remeteram para o exterior, a Petrobrás foi impedida de gerar lucros que seriam integralmente aplicados no país, gerando renda, emprego, tecnologia e contribuindo para o desenvolvimento industrial.

EUA sonham em obter auto-suficiência em petróleo e gás

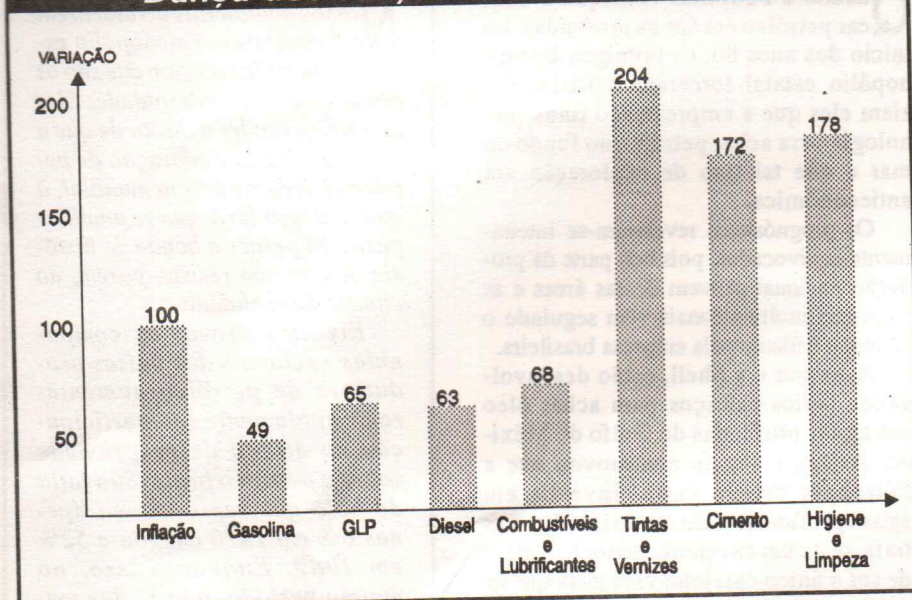
Alcançar a auto-suficiência na produção de petróleo e gás é fundamental para garantir a segurança nacional e alavancar o desenvolvimento industrial. A opinião não é de nenhum "xiita", de nenhum inimigo figadal do livre comércio internacional e das leis de mercado. A tese tem como defensor o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton. Respondendo a um questionário da People for an Energy Policy, seu Comitê de Campanha colocou os pingos nos is.

"Nossa dependência do petróleo importado é uma ameaça genuína à segurança nacional e econômica. Quando George Bush foi eleito, o óleo importado representava um terço do nosso déficit comercial e, desde então, os Estados Unidos não têm tido uma política energética. Atualmente nós importamos cerca de metade do nosso petróleo, o que representa dois terços do nosso déficit comercial. Este tipo de dependência nos torna vulneráveis e nós devemos alterar esta situação. Nós remetemos mais de US\$ 500 bilhões a países estrangeiros para comprar petróleo durante o período Reagan-Bush. Enviar este dinheiro ao exterior enfraquece nossa indústria doméstica de óleo e gás e torna pouco provável que nós venhamos a explorar seriamente a conservação e as fontes de energia alternativas. Ainda assim, o principal conselheiro (de George Bush) considera a idéia de independência energética como "economicamente tola".

"O que é tolo é falhar em entender o quanto nossa dependência do petróleo importado e a falta de uma política nacional de energia têm prejudicado nossa economia".

Gastos com a importação de petróleo custaram aos EUA mais de US\$ 500 bi desde Reagan

Dança dos Preços (Jan 80 / Out 92)



FONTE: Associação dos Engenheiros da Petrobrás
OBS.: Os preços foram medidos pelo IGP da FGV.

EXPEDIENTE